**CLEÓPATRA VII, OTÁVIA, CALPÚRNIA E SERVÍLIA:
ARQUÉTIPOS FEMININOS E PODER NO
STORYTELLING ROMANO**

**CLEOPATRA VII, OCTAVIA, CALPURNIA, AND
SERVILIA: FEMININE ARCHETYPES AND POWER IN
ROMAN STORYTELLING**

**CLÉOPÂTRE VII, OCTAVIE, CALPURNIA ET SERVILIA:
ARCHÉTYPES FÉMININS ET POUVOIR DANS LA
NARRATION ROMAINE**

Dr. Thomaz Décio Abdalla Siqueira¹

Resumo

O presente estudo analisa a construção simbólica da imagem feminina na Antiguidade por meio do *storytelling* romano. A partir das representações de Cleópatra VII, Otávia, Calpúrnia e Servília (mãe de Bruto), busca-se compreender como os arquétipos femininos foram moldados em contraste entre alteridade, virtude e poder. Cleópatra, rainha do Egito, foi retratada como mulher perigosa,

¹ Professor Titular, Classe E, Faculdade de Educação Física e Fisioterapia – FEF da Universidade Federal do Amazonas – UFAM. Pós- doutor em Psicologia Social e do Trabalho (USP), Doutor em Psicologia Clínica (USP), Mestre em Psicologia Social pela Universidade de *Okayama* – Japão. Atualmente aposentado e foi ex-presidente da Comissão Própria de Avaliação – CPA/UFAM. E-mail: thomazabdalla@ufam.edu.br

sedutora e luxuosa, em oposição ao ideal de matrona romana simbolizado em Otávia. Já Calpúrnia, esposa de Júlio César, é lembrada pela lealdade e pelo presságio que antecedeu o assassinato de César, ao passo que Servília é representada como figura ambígua, dividida entre maternidade e influência política. Ao investigar essas narrativas, o estudo revela como as mulheres foram fundamentais na construção simbólica e política da identidade romana, mesmo quando situadas em papéis de contraste com a ordem masculina. O arquétipo da Cleópatra representaria a sedução, o poder e o sucesso nos âmbitos profissionais e amorosos. Como Cleópatra foi uma mulher que ocupou um lugar de poder na sociedade em que viveu, associa-se muito a estratégia, a força e a dominação à figura dela. Em contrapartida, Cleópatra também se associa a perigo, enganação ou agressividade, uma vez que se considera que ela, por todo seu poder, poderia fazer qualquer coisa para conseguir o que almejava.

Palavras-chave: Cleópatra VII; Otávia; Calpúrnia; Servília; Mulher Romana; Arquétipos Femininos; Poder e Cultura; *Storytelling*.

Abstract

This study analyzes the symbolic construction of the female image in Antiquity through Roman storytelling. Based on representations of Cleopatra VII, Octavia, Calpurnia, and Servilia (Brutus's mother), we seek to understand how female archetypes were shaped by contrasts between otherness, virtue, and power. Cleopatra, queen of Egypt, was portrayed as a dangerous, seductive, and luxurious woman, in contrast to the ideal Roman matron symbolized by Octavia. Calpurnia, wife of Julius Caesar, is remembered for her loyalty and the omen that preceded Caesar's assassination, while Servilia is represented as an ambiguous figure, torn between motherhood and political influence. By investigating these narratives, the study reveals how women were fundamental to the symbolic and political construction of Roman identity, even when placed in roles that contrasted with the male order. The Cleopatra archetype represented seduction, power, and success in professional and romantic life. Because Cleopatra was a woman who held a position of power in the society in which she lived, her figure is often associated with strategy, strength, and domination. Conversely, Cleopatra is also associated with danger, deception, and aggression, as it is believed that, with all her power, she would do anything to achieve what she desired.

Keywords: Cleopatra VII; Octavia; Calpurnia; Servilia; Roman Woman; Feminine Archetypes; Power and Culture; *Storytelling*.

Résumé

Cette étude analyse la construction symbolique de l'image féminine dans l'Antiquité à travers les récits romains. À partir des représentations de Cléopâtre VII, Octavie, Calpurnia et Servilia (mère de Brutus), nous cherchons à comprendre comment les archétypes féminins ont été façonnés par les contrastes entre altérité, vertu et pouvoir. Cléopâtre, reine d'Égypte, était dépeinte comme une femme dangereuse, séductrice et luxueuse, contrastant avec l'idéal de la matrone romaine symbolisé par Octavie. Calpurnia, épouse de Jules César, est commémorée pour sa loyauté et le présage qui a précédé l'assassinat de César, tandis que Servilia est représentée comme une figure ambiguë, tiraillée entre maternité et influence politique. En examinant ces récits, l'étude révèle le rôle fondamental des femmes dans la construction symbolique et politique de l'identité romaine, même lorsqu'elles occupaient des rôles contrastant avec l'ordre masculin. L'archétype de Cléopâtre représente la séduction, le pouvoir et la réussite professionnelle et amoureuse. Parce que Cléopâtre occupait une position de pouvoir dans la société où elle vivait, sa figure est souvent associée à la stratégie, à la force et à la domination. À l'inverse, Cléopâtre est également associée au danger, à la tromperie et à l'agression, car on pense qu'avec tout son pouvoir, elle ferait tout pour obtenir ce qu'elle désirait.

Mots-clés: Cléopâtre VII ; Octavie ; Calpurnia ; Servilia ; Femme romaine ; Archétypes féminins ; Pouvoir et culture ; Récit.

Introdução

A história de Roma e do Egito ptolemaico revela não apenas embates militares e políticos, mas também a construção simbólica de arquétipos femininos que atravessaram séculos. Nesse processo, o *storytelling* foi um recurso essencial para moldar narrativas capazes de legitimar o poder e diferenciar o 'eu romano' do 'outro oriental'. Cleópatra VII, rainha do Egito, tornou-se o arquétipo da mulher devoradora e perigosa, associada ao luxo e ao exotismo. Em oposição, figuras romanas como Otávia, Calpúrnia e Servília foram enquadradas em papéis distintos, oscilando entre virtude, lealdade e ambiguidade política.

Enquanto Cleópatra foi retratada como ameaça à ordem romana, Otávia, irmã de Otávio Augusto, simbolizava a virtude da matrona romana, a fidelidade conjugal e a estabilidade familiar. Calpúrnia, esposa de Júlio César, ocupa espaço simbólico singular: recordada como mulher que pressentiu o assassinato do marido, expressando lealdade e fragilidade ao mesmo tempo (PLUTARCO, 2011). Já Servília, mãe de Bruto, é lembrada tanto como figura maternal quanto como personagem política, com vínculos íntimos com César e influência nos destinos da República. A dualidade de Servília mostra o lugar ambivalente das mulheres romanas, capazes de influenciar a política ainda que relegadas ao espaço privado.

Segundo Crippa (1993), a análise dos arquétipos revela como a cultura molda símbolos femininos para reforçar estruturas de poder e alteridade. Assim, Cleópatra representa a transgressão e o poder autônomo, Otávia a ordem e a continuidade, Calpúrnia a devoção doméstica e Servília a ambiguidade entre maternidade e política. Esse contraste mostra que, mesmo em sociedades patriarcais, as mulheres não foram meras coadjuvantes, mas peças centrais na construção do imaginário político e cultural romano.

Desenvolvimento

1. Cleópatra VII e a Alteridade Oriental

Cleópatra foi apresentada pelos romanos como um perigo constante, cuja sedução e luxo ameaçavam a ordem e a moral romana. Autores como Plutarco e Cássio Dio destacaram sua beleza e inteligência política, mas enfatizaram o caráter devorador e perigoso de sua influência sobre César e Marco Antônio (GRIMAL, 1993). Cleópatra encarnava o arquétipo da alteridade, contrapondo-se aos valores de simplicidade e austeridade romana.

2. Otávia e a Virtude da Matrona Romana

Otávia, irmã de Augusto e esposa de Marco Antônio, representava o ideal da matrona romana. Sua figura foi exaltada como contraponto moral à rainha egípcia. Enquanto Cleópatra representava o excesso, Otávia simbolizava a modéstia, a fidelidade e a lealdade à família e à pátria (COULANGES, 2006). Esse contraste serviu como recurso político para legitimar a vitória de Augusto e a consolidação da moralidade romana.

2.1 Otávia, a Irmã de Augusto, e a Criação dos Filhos de Cleópatra VII

Após a derrota de Marco Antônio e Cleópatra VII na Batalha de Ácio (31 a.C.) e o subsequente suicídio da rainha egípcia em 30 a.C., seus filhos sobreviventes foram levados para Roma. Otávia Menor, irmã de Otávio (futuro imperador Augusto) e ex-esposa de Marco Antônio, assumiu a responsabilidade pela criação das crianças, desempenhando um papel fundamental na integração dos descendentes ptolemaicos na sociedade romana.

2.2 Otávia e o Papel Maternal

Otávia, conhecida por sua dignidade e prudência, já havia criado os próprios filhos e também os filhos de Marco Antônio de seu casamento anterior. Sua postura conciliadora e honrosa foi elogiada por autores como Plutarco, que a descreveu como modelo de virtude feminina (Plutarco, *Vidas Paralelas*, 'Antônio'). Ao acolher os filhos de Cleópatra, Otávia reafirmou não apenas seu papel de matriarca da dinastia júlio-claudiana, mas também a clemência de Augusto ao permitir que essas crianças sobrevivessem e fossem educadas em Roma.

2.3 Destino dos Filhos de Cleópatra VII

Alexandre Hélio: Filho de Cleópatra e Marco Antônio, recebeu o título de 'rei do Egito' durante a célebre 'Doação de Alexandria'. Contudo, após ser levado para Roma, não há registros concretos de sua vida adulta. Acredita-se que tenha morrido jovem, provavelmente ainda na infância ou adolescência, em data incerta (CASSIUS DIO, História Romana, Livro LI).

Ptolemeu Filadelfo: Também filho de Cleópatra e Marco Antônio, foi nomeado 'rei da Síria e da Ásia Menor' durante a Doação de Alexandria. Assim como Alexandre Hélio, desaparece das fontes históricas após chegar a Roma. É provável que tenha falecido ainda jovem (SUETÔNIO, Augusto, XVII).

Cleópatra Selene II: Irmã gêmea de Alexandre Hélio, teve destino distinto. Foi entregue em casamento a Juba II, rei da Mauritânia, consolidando uma aliança estratégica para Roma. Tornou-se rainha e exerceu papel político relevante, mantendo aspectos da cultura helenística no norte da África. Morreu por volta de 5 d.C., sendo lembrada como a herdeira mais bem-sucedida de Cleópatra VII (ROLLINS, 2010; HUGHES-HALLETT, 1990).

Ptolemeu XV Filopátor Filométor César, conhecido como Cesarião: Filho de Cleópatra e Júlio César, foi reconhecido pela mãe como legítimo herdeiro do trono do Egito. Após a queda de Alexandria, Augusto ordenou sua execução em 30 a.C., com cerca de 17 anos de idade. Segundo Suetônio (Vida de Augusto, XVII), a decisão visava evitar futuras pretensões políticas que ameaçassem a autoridade de Roma.

3. Calpúrnia e o Presságio da Morte de César

Calpúrnia, última esposa de Júlio César, é lembrada pelo episódio em que teria pressentido em sonho a morte do marido. Plutarco (2011) narra sua angústia e seus apelos para que César não fosse ao Senado no dia dos Idos de Março.

Essa representação reforça o papel da esposa fiel e cuidadosa, mas também simboliza a inevitabilidade do destino trágico de Roma. O arquétipo de Calpúrnia é o da mulher leal e impotente frente à força da política.

A influência de Calpúrnia no dia do assassinato:

Sonho premonitório: Calpúrnia teve um sonho que interpretou como um presságio da morte de César, e tentou convencê-lo a não ir ao Senado naquele dia.

Recomendação: Ela aconselhou César a adiar seus compromissos, mas ele não a ouviu.

Momento crucial: A decisão de César de ignorar o aviso de Calpúrnia foi um fator que contribuiu para sua morte, já que ele estava vulnerável no Senado.

Através de seu casamento com César e sua família, Calpúrnia tinha ligações com figuras políticas importantes, como seu irmão, Lúcio Calpúrnio Pisão, que serviu a Otávio (Augusto).

Em resumo, Calpúrnia é mais conhecida por sua tentativa de evitar a morte de César, mas seu papel na política romana foi limitado e mais ligado à sua posição como esposa do líder.

4. Servília: Ambiguidade entre Maternidade e Política

Servília, mãe de Bruto e amante de Júlio César, é um dos personagens femininos mais complexos da República. Ela unia o papel de matrona à influência política direta. Sua posição ambígua a coloca como arquétipo da mulher que, embora marginalizada oficialmente, participa ativamente das decisões políticas. A maternidade de Bruto, o assassino de César, e sua ligação íntima com este último, reforçam a dimensão paradoxal de sua imagem: mãe do libertador, mas também amante do ditador (BEARD, 2017).

Na Roma Antiga, o cenário político era dominado por homens, mas algumas mulheres exerceram influência marcante nos rumos da história. Entre elas, destacam-se Otávia, Calpúrnia, Servília e Cleópatra VII, que, em contextos diferentes, representaram formas de poder feminino em meio às disputas políticas da República Romana e do início do Império.

Otávia, irmã de Otávio Augusto, foi um exemplo de virtude e diplomacia. Casada com Marco Antônio, sua figura tornou-se símbolo da tentativa de conciliação entre as facções políticas que dividiam Roma. Sua postura discreta e resiliente lhe conferiu respeito até mesmo entre adversários.

Calpúrnia, esposa de Júlio César, aparece como a mulher que, apesar da discricção, teve papel importante na esfera íntima do ditador. A tradição relata seu sonho premonitório sobre o assassinato de César, evidenciando como sua imagem foi associada ao cuidado, à sensibilidade e à figura de guardiã.

Servília, mãe de Bruto, foi uma das figuras femininas mais influentes da elite romana. Amante de César, movimentou-se com habilidade nos bastidores da política, usando sua posição para fortalecer a carreira do filho. Sua trajetória mostra como alianças pessoais e familiares eram fundamentais no jogo de poder.

Por fim, Cleópatra VII, rainha do Egito, destacou-se não apenas por sua posição política, mas por sua habilidade em lidar com os líderes romanos. Sua relação com Júlio César e depois com Marco Antônio transcendeu o campo pessoal, sendo estratégia de sobrevivência e afirmação da soberania egípcia diante da expansão de Roma. Cleópatra representou o ápice da luta feminina por espaço em um universo político hostil e masculinizado, tornando-se arquétipo de resistência e poder.

Assim, Otávia, Calpúrnia, Servília e Cleópatra simbolizam diferentes facetas da guerra pelo poder feminino no mundo romano: a conciliação, a proteção, a influência materna e a resistência política. Cada uma, à sua maneira, deixou marcas na história, mostrando que o poder das mulheres, embora frequentemente invisibilizado, foi determinante nos rumos da Antiguidade.

5. Mulheres Invisibilizadas: Otávia, Calpúrnia, Servília e a Faraó Cleópatra VII – Por quê?

A história antiga, em especial a romana, é marcada por uma narrativa construída majoritariamente por homens, que relegaram as mulheres a papéis secundários, apesar de sua participação fundamental nos acontecimentos políticos e sociais. Otávia, Calpúrnia, Servília e Cleópatra são exemplos emblemáticos de figuras femininas que, embora tenham exercido influência significativa, foram em grande parte invisibilizadas pela historiografia tradicional.

Otávia, irmã de Otávio Augusto, foi retratada como símbolo de virtude e submissão, ocultando-se seu papel estratégico como mediadora política entre Marco Antônio e seu irmão. Sua imagem foi moldada pela propaganda augustana para reforçar valores morais, e não para destacar sua capacidade de articulação política.

Calpúrnia, última esposa de Júlio César, também é lembrada apenas como a mulher que teve sonhos premonitórios antes da morte do ditador. Sua presença política foi silenciada, apesar de seu lugar privilegiado junto ao homem mais poderoso de Roma.

Servília, mãe de Bruto e amante de César, foi reduzida a uma figura ligada a intrigas pessoais, quando, na realidade, exerceu forte influência política ao apoiar e sustentar a ascensão de seu filho. Sua trajetória revela como alianças familiares femininas eram determinantes no equilíbrio de poder.

Cleópatra VII, rainha do Egito, sofreu um processo ainda mais intenso de invisibilização e distorção. Muitas vezes reduzida a estereótipos de sedutora e manipuladora, foi esquecida como estrategista, governante e intelectual que lutou pela preservação da soberania de seu reino diante da força expansionista de Roma.

Essas mulheres foram invisibilizadas porque o poder feminino ameaçava a narrativa patriarcal dominante. Seus feitos foram reinterpretados sob a ótica masculina, transformando-as em símbolos de virtude, submissão ou sedução, apagando sua dimensão política real. Ao revisitar suas histórias, torna-se possível resgatar o protagonismo feminino e compreender que, mesmo à margem dos registros oficiais, elas desempenharam papéis essenciais na construção da Antiguidade.

Otávia, Cleópatra, Calpúrnia e Servília se tornaram, no imaginário romano e na tradição historiográfica, arquétipos femininos que ultrapassaram suas existências individuais. Otávia representou a virtude e a diplomacia; Cleópatra, a sedução e a resistência; Calpúrnia, a fidelidade e o presságio; e Servília, a influência velada e conspiratória. Juntas, essas mulheres demonstram que, embora inseridas em um mundo masculino, foram fundamentais na guerra pelo poder, influenciando decisões, alianças e a própria memória da República e do início do Império. O *storytelling* romano, ao retratá-las de forma simbólica, não apenas construiu narrativas sobre a política de seu tempo, mas também moldou arquétipos de poder feminino que ressoam até hoje.

6. Cleópatra VII na Ótica Masculina e sua Ligação com Cneu Pompeu

Na ótica masculina, as mulheres da Antiguidade, em especial figuras de poder, foram frequentemente transformadas em símbolos de virtude, submissão ou sedução, apagando sua dimensão política real. Esse fenômeno é evidente na representação da faraó Cleópatra VII², cuja imagem foi marcada pela propaganda romana.

² Mais do que ter desposado dois irmãos, Cleópatra entrou para a história, entre outras façanhas, por ter sido amante de dois dos mais poderosos homens da época: o ditador Júlio César (100-44 a.C.) e o general Marco Antônio (83-30 a.C.).

Cleópatra não foi apenas a amante de Júlio César ou Marco Antônio, como tantas vezes descrita, mas uma governante estratégica que buscou preservar a autonomia do Egito diante da expansão romana. Contudo, os registros escritos por autores romanos a reduziram a estereótipos de sedutora e manipuladora, obscurecendo seu papel como estadista, intelectual e líder militar.

Cneu Pompeu³, um general e político romano, foi assassinado no Egito, em 48 a.C., por ordem do faraó Ptolomeu XIII, após buscar refúgio lá após ser derrotado por Júlio César na Batalha de Farsalos. Cleópatra, rainha do Egito, tinha uma relação complexa com Pompeu Magno⁴, pois ele era um antigo aliado de seu pai, Ptolomeu XII, e também foi casado com a filha de Júlio César, Júlia.

O nome do filho mais famoso de Pompeu, o Grande⁵, foi Cneu Pompeu Magno (Gnaeus Pompeius Magnus). Ele também teve outro filho chamado Sexto Pompeu, que teve um papel importante nas guerras civis romanas após a morte de seu pai.

Sua ligação com Cneu Pompeu também ilustra o uso político das relações de poder. Antes de sua aproximação com César, o Egito manteve relações diplomáticas com Pompeu, que buscava apoio político e militar no contexto das guerras civis romanas.

A família de Cleópatra, os Lágidas, tinha interesse em estreitar laços com Pompeu como forma de assegurar estabilidade frente às disputas internas e à ameaça de anexação romana.

³ Resumindo: Pompeu foi assassinado no Egito após buscar refúgio, enquanto Cleópatra, rainha do Egito, enfrentava uma disputa pelo trono. César, ao chegar ao Egito, se envolveu na política egípcia, apoiando Cleópatra e selando uma parceria com ela.

⁴ O nome Pompeu tem origem latina e deriva de "Pompeius", que provavelmente significa "o quinto" ou "o quinto filho". Ele era um nome comum entre famílias plebeias durante a República Romana.

⁵ Pompeu Magno foi assassinado no Egito, por ordem do rei Ptolomeu XIII, que buscava agradar a Júlio César. Ao desembarcar no Egito, buscando refúgio após a derrota na Batalha de Farsalos, Pompeu foi traído e morto por um oficial romano chamado Lúcio Septímio, a mando do rei. Sua cabeça foi cortada e enviada a César.

Após a derrota de Pompeu por César na batalha de Farsalos (48 a.C.)⁶, o destino do general romano se cruzou tragicamente com o Egito. Refugiando-se em Alexandria, Pompeu foi assassinado por ordem dos conselheiros do jovem Ptolemeu XIII, irmão e rival de Cleópatra.

Esse episódio foi determinante para o fortalecimento da relação de Cleópatra com César, mas também simbolizou como a política egípcia era moldada por estratégias de sobrevivência diante do poderio romano.

Não há evidências históricas de que Cleópatra tenha tido um romance com o filho de Pompeu, Cneu Pompeu, o Jovem. Embora ela tenha se envolvido romanticamente com Júlio César e Marco Antônio, seus relacionamentos com esses romanos foram bem documentados.

Após a derrota de Pompeu, o Grande, na Batalha de Farsalos, seu filho, Cneu Pompeu, o Jovem, buscou apoio no Egito. Cneu Pompeu, o Jovem, solicitou suprimentos e reforços a Cleópatra para ajudar seu pai, mas ela hesitou.

Assim, Cleópatra VII foi vítima de uma narrativa que, na ótica masculina, a reduziu a arquétipos de sedução, apagando sua verdadeira dimensão política. Sua ligação com Pompeu revela não apenas um jogo de alianças, mas também o quanto sua trajetória foi reinterpretada para servir à propaganda patriarcal e imperial de Roma. A mulher não era valorizada mesmo sendo inteligente e objetiva. Tinha que ser servil e de acordo com o comportamento esperado na mulher romana na época.

⁶ A Batalha de Farsalos foi uma batalha decisiva da Segunda Guerra Civil da República Romana. Em 9 de agosto de 48 a.C., em Farsalos, na Tessália (Grécia central), Júlio César e seus aliados enfrentaram o grande exército republicano liderado por Pompeu Magno, que tinha o respaldo da maioria dos senadores, muitos deles optimates. A qualidade dos veteranos das legiões de César foi preponderante para sua vitória. Esta batalha costuma ser considerada como o fim da República e o início do Império Romano.

7. A Rivalidade de Cleópatra VII com suas Irmãs Arsinoe IV e Berenice IV: A Luta pelo Poder em Alexandria

A história do Egito ptolemaico foi marcada por disputas internas, rivalidades familiares e intrincadas tramas políticas que evidenciam a fragilidade e, ao mesmo tempo, a intensidade do exercício do poder dinástico. Cleópatra VII, última soberana da dinastia, não esteve isenta dessas disputas. Sua trajetória política se entrelaça com a rivalidade de suas irmãs Arsinoe IV e Berenice IV, ambas protagonistas de momentos decisivos na luta pelo poder em Alexandria. Berenice IV, filha de Ptolomeu XII, foi executada por seu próprio pai após seu retorno do exílio em Roma, por volta de 55 a.C. Ela havia assumido o trono do Egito durante a ausência dele.

Berenice IV⁷, irmã mais velha de Cleópatra, assumiu o trono em um contexto de crise, quando seu pai, Ptolomeu XII Auletes, foi deposto e obrigado a buscar apoio em Roma. Durante seu reinado, Berenice procurou manter a autonomia egípcia frente às pressões externas, mas sua legitimidade foi constantemente questionada, tanto por facções internas quanto pelo próprio retorno do pai ao poder. A execução de Berenice, ordenada por Ptolomeu XII, demonstra não apenas a violência característica das disputas da dinastia ptolomaica (Os Lágidas).

Arsinoe IV, por sua vez, destacou-se no cenário político como adversária direta de Cleópatra VII. Durante a guerra civil que envolveu Júlio César e Pompeu, Arsinoe aproveitou o momento para se colocar como alternativa ao trono, contando com apoio de facções nacionalistas em Alexandria. A rivalidade entre Cleópatra e Arsinoe IV refletia não apenas a disputa pessoal pelo poder, mas também diferentes visões políticas sobre a relação do Egito com Roma. Enquanto

⁷ Berenice IV (em grego: Βερενίκη; 76 a.C.—55 a.C.), filha de Ptolomeu XII e provavelmente de Cleópatra V, irmã de Cleópatra VI, da grande Cleópatra VII, de Arsinoe IV, de Ptolomeu XIII e de Ptolomeu XIV. Seu pai era filho de Ptolomeu IX Sóter II e irmão de Cleópatra Berenice.

Cleópatra buscava alianças estratégicas com os romanos para permanecer no poder na governança no Egito.

A luta entre as três irmãs ptolemaicas ilustra como o poder no Egito helenístico era permeado por jogos de intriga, violência e sobrevivência. Ao mesmo tempo, evidencia como as mulheres da dinastia não eram meras figuras decorativas, mas sim protagonistas ativas na cena política. Berenice, Arsinoe IV e Cleópatra encarnam diferentes facetas da busca pela legitimidade dinástica: a resistência autônoma de Berenice IV, o nacionalismo de Arsinoe e a diplomacia cosmopolita de Cleópatra.

A vitória de Cleópatra sobre suas irmãs consolidou não apenas sua posição no trono, mas também sua imagem como líder capaz de superar adversários internos e externos. Entretanto, a rivalidade entre elas deixou marcas profundas na memória histórica do Egito ptolemaico, revelando que a luta pelo poder em Alexandria não era apenas uma questão de herança, mas também um campo de afirmação feminina em meio às estruturas patriarcais do Mediterrâneo antigo.

Assim, compreender a rivalidade de Cleópatra VII com Arsinoe IV e Berenice IV é compreender o quanto o poder dinástico do Egito foi disputado intensamente entre mulheres que, em meio a alianças, traições e conflitos, imprimiram sua presença no destino político do Mediterrâneo. Mais do que rivais, elas representam o protagonismo feminino em uma era de instabilidade, reafirmando que a história do Egito ptolemaico é inseparável das lutas dessas soberanas pela afirmação do poder.

Arsinoe IV foi posteriormente exilada para o Templo de Ártemis, em Éfeso, na Anatólia Romana. Viveu durante alguns anos, sempre atenta aos movimentos da sua irmã Cleópatra, que a via como uma ameaça ao seu poder. Em 41 a.C., por instigação de Cleópatra, Arsinoe IV foi executada nos degraus do templo em Chipre.

Ptolomeu XII (Rei Aulete) foi expulso do Egito devido a uma revolta popular e buscou refúgio em Roma. Durante sua ausência, Berenice IV, sua filha mais

velha, assumiu o trono e governou o Egito. Quando Ptolomeu XII retornou a Alexandria, com o apoio romano, ele mandou executar Berenice IV, sua própria filha, para restabelecer seu poder. A morte de Berenice IV ocorreu como resultado de uma disputa de poder e foi um ato de vingança e consolidação do trono por parte de seu pai, Ptolomeu XII.

8. A Faraó Cleópatra VII, Iras e Charmion: Poder Feminino e Estratégia no Mediterrâneo Antigo

Cleópatra foi a última governante da dinastia ptolomaica. Descendia da família real grega da Macedônia, conhecida como dinastia ptolomaica. Ela era ancestral do camarada e general de Alexandre, o Grande, Ptolomeu I "Sóter".

A figura de Cleópatra VII permanece como um dos símbolos mais expressivos do poder feminino na Antiguidade. No entanto, sua trajetória não se construiu de forma isolada. Ao lado da rainha, estiveram mulheres como Iras e Charmion, suas servas e confidentes, que participaram ativamente de sua corte e, sobretudo, de sua luta política. Essa tríade feminina representa um modelo alternativo de poder, refinamento e estratégia, evidenciando que o protagonismo das mulheres no Mediterrâneo antigo não se restringia ao suporte e apoio masculino apenas ao lado de servidão ao homem.

Cleópatra, como estadista e estrategista, soube articular sua imagem e seu poder de maneira a resistir às pressões políticas e militares de Roma. Contudo, a presença de Iras e Charmion ao seu lado não pode ser vista apenas como secundária. Elas faziam parte de uma rede de apoio e de resistência que reforçava a legitimidade e a força da rainha. O poder feminino aqui não se manifesta apenas na figura central da soberana, mas também na união entre mulheres que, em diferentes posições sociais, partilhavam uma visão de mulheres servis aos

homens e não uma mulher independente onde tinha suas opiniões nas tomadas de decisões.

O refinamento feminino foi uma das armas mais sofisticadas utilizadas por Cleópatra e suas companheiras. Esse refinamento não se reduzia à estética ou ao charme pessoal, mas incluía cultura, inteligência estratégica, domínio de línguas e habilidade política. Ao lado da rainha, Iras e Charmion representavam a continuidade desse ideal, reforçando a imagem de uma corte que unia beleza, saber e poder como instrumentos de resistência. Tal combinação desafiava as visões patriarcais que buscavam relegar as mulheres em segundo plano. Escondidas no gerenciamento das casas ou na educação das crianças. Uma mulher servindo o homem.

Um dos episódios mais emblemáticos que reforçam essa aliança foi o momento final da vida de Cleópatra. Quando a derrota era inevitável e Roma já se aproximava da conquista definitiva, a rainha optou por enfrentar a morte com dignidade. Iras e Charmion permaneceram com ela, partilhando o destino de sua soberana e confirmando que o poder feminino também se expressava na solidariedade e na coragem diante da adversidade. Esse gesto não apenas imortalizou a imagem das três mulheres, mas também simbolizou a união e estratégia no jogo político.

Nesse sentido, Cleópatra, Iras e Charmion encarnam a ideia de que o poder feminino, longe de ser apenas ornamental, foi um elemento essencial na luta política e cultural do Mediterrâneo antigo. Através da estratégia, do refinamento intelectual e da união entre mulheres, elas desafiaram estruturas de dominação e imprimiram uma marca indelével na memória histórica. Sua trajetória conjunta reafirma que a força feminina não reside apenas na autoridade institucional, mas também na lealdade, no saber e na cor.

Portanto, compreender Cleópatra e suas servas Iras e Charmion é reconhecer a dimensão coletiva do poder feminino, capaz de transformar a luta em resistência simbólica e de projetar um ideal de mulher que une refinamento e

estratégia como armas políticas. Essa união, ao mesmo tempo humana e política, constitui uma das expressões mais ricas do feminino na Antiguidade, desafiando estereótipos e revelando a complexidade do papel das mulheres na história.

Enfim, as duas servas que acompanharam Cleópatra VII em seu suicídio foram Iras e Charmion. Embora não haja muitos detalhes sobre a vida dessas servas, elas são mencionadas em fontes históricas como as únicas pessoas presentes no momento da morte de Cleópatra.

A tradição diz que Cleópatra VII se deixou picar por uma cobra venenosa, e que Iras e Charmion a acompanharam nessa decisão, também sofrendo a picada da cobra e morrendo ao lado da rainha.

9. Cleópatra VII: Estadista, Estrategista e Representante do Poder Feminino

Cleópatra VII, última rainha da dinastia ptolemaica do Egito, representa uma das figuras mais emblemáticas da Antiguidade, não apenas por sua presença marcante na história, mas também pelo papel singular que desempenhou enquanto estadista, estrategista e representante de uma forma de poder feminino frequentemente silenciada pelas narrativas históricas tradicionais. Sua trajetória revela como a liderança de uma mulher, em um contexto dominado por estruturas políticas patriarcais, foi capaz de exercer influência duradoura na política e na cultura do Mediterrâneo antigo.

Enquanto estadista, Cleópatra demonstrou notável habilidade administrativa e diplomática. Ao assumir o trono em meio a disputas internas e pressões externas do Império Romano, a rainha soube preservar a soberania de seu reino por meio de alianças políticas estratégicas e da reorganização da economia egípcia. Sua visão governamental ultrapassava os limites do Egito, integrando-se ao cenário internacional, em especial às relações com Roma, a potência emergente da época. Com isso, conseguiu não apenas manter o Egito

como uma força regional, mas também transformá-lo em um centro cultural e intelectual que influenciava amplamente o mundo mediterrâneo.

Do ponto de vista estratégico, Cleópatra VII destacou-se pela capacidade de articular alianças militares e diplomáticas que lhe garantiram vantagens em momentos cruciais. Sua aproximação com Júlio César e, posteriormente, com Marco Antônio não pode ser reduzida a meros vínculos amorosos, como muitas vezes foi representado, mas deve ser entendida como escolhas políticas conscientes e calculadas. Essas alianças refletiam seu entendimento da *realpolitik* da época e seu esforço em assegurar a continuidade da dinastia ptolemaica frente ao expansionismo romano. Assim, sua atuação revela não apenas habilidade militar e diplomática, mas também um profundo conhecimento das estruturas de poder de sua época.

Cleópatra VII também se inscreve como representante de um poder feminino alternativo, muitas vezes apagado pela historiografia ocidental. Sua imagem foi moldada ao longo dos séculos ora como sedutora, ora como conspiradora, reforçando estereótipos que buscavam minimizar seu papel político efetivo. Contudo, sob uma análise crítica, torna-se evidente que sua liderança expressava uma forma legítima de exercício do poder feminino, capaz de desafiar e reconfigurar as normas sociais e políticas do Mediterrâneo. Simboliza, portanto, não apenas a resistência diante da hegemonia masculina, mas também a afirmação de que a política não é monopólio do gênero masculino.

No campo cultural, a rainha desempenhou um papel fundamental na manutenção e valorização da identidade egípcia, ao mesmo tempo em que articulava um diálogo cosmopolita com outras tradições.

Cleópatra VII dominava várias línguas e demonstrava profundo interesse pelo conhecimento, aspectos que a conectavam com o legado helenístico e a projetavam como uma figura de destaque no cenário intelectual de sua época. Sua presença no imaginário coletivo, perpetuada por obras literárias, artísticas e

cinematográficas, reafirma seu impacto não apenas como personagem histórica, mas também como arquétipo de resistência e alteridade.

Em suma, Cleópatra VII deve ser reconhecida como uma estadista habilidosa, estrategista refinada e como representante de um poder feminino que, embora constantemente silenciado, exerceu influência significativa na política e na cultura do Mediterrâneo antigo.

Sua trajetória não pode ser reduzida a narrativas estereotipadas, mas sim valorizada como exemplo de liderança feminina que desafiou convenções, deixou marcas profundas na história e continua a inspirar reflexões sobre poder, gênero e identidade cultural até os dias atuais.

10. Conclusão

As representações de Cleópatra VII, Otávia, Calpúrnia e Servília demonstram como o *storytelling* romano e helenístico construíram arquétipos femininos contrastantes que serviram de suporte à política e à cultura da época. Cleópatra foi retratada como alteridade sedutora e perigosa; Otávia como modelo da virtude romana; Calpúrnia como esposa leal e fragilizada; e Servília como figura ambígua, entre maternidade e influência política. Esses arquétipos revelam não apenas o lugar das mulheres na história, mas a forma como sua imagem foi utilizada para legitimar discursos de poder e identidade cultural. Assim, mesmo silenciadas em muitos aspectos, as mulheres permaneceram centrais na construção do imaginário político romano. Calpúrnia, esposa de Júlio César, é conhecida por sua influência em um evento específico: sua tentativa de impedir César de ir ao Senado no dia de seu assassinato, alertando-o sobre um sonho premonitório. Apesar de sua influência nesta ocasião, Calpúrnia não exerceu um papel político ativo na República Romana.

A análise da representação de Cleópatra VII revela como a ótica masculina da Antiguidade reduziu figuras femininas de poder a estereótipos de virtude, submissão ou sedução, obscurecendo sua verdadeira atuação política. No caso da rainha do Egito, sua imagem foi moldada por narrativas romanas que buscavam diminuir a relevância de sua liderança, transformando-a num símbolo erótico e manipulador.

Sua relação com Cneu Pompeu, assim como posteriormente com Júlio César e Marco Antônio, não deve ser interpretada apenas como envolvimento pessoal, mas como parte de uma estratégia política.

Cuidadosamente articulada para preservar a autonomia do Egito diante da expansão imperial romana. O assassinato de Pompeu em Alexandria e a subsequente aproximação de Cleópatra com César são exemplos claros de sua habilidade em reposicionar-se em meio a crises, utilizando a diplomacia e a astúcia como armas de sobrevivência.

Portanto, ao reinterpretar a trajetória de Cleópatra VII sob uma perspectiva crítica é possível compreender que sua importância histórica ultrapassa os estigmas impostos pela historiografia patriarcal. Mais do que sedutora ou amante de líderes romanos, ela deve ser reconhecida como estadista, estrategista e representante de uma forma de poder feminino que, embora constantemente silenciada, exerceu forte impacto na história política e cultural do Mediterrâneo antigo.

O arquétipo de Cleópatra VII, ao longo da história, consolidou-se como uma representação complexa e multifacetada do poder feminino. Ela simboliza, simultaneamente, a sedução, a inteligência estratégica e a habilidade política, elementos que a projetaram como uma das figuras mais marcantes da Antiguidade. Sua trajetória não pode ser reduzida a um estereótipo de sedutora ou conspiradora, pois, de fato, Cleópatra VII exerceu um papel central no governo do Egito, estabelecendo alianças, enfrentando inimigos poderosos tais como: Cícero e suas calúnias e invejas, pois não admitia uma mulher estrangeira

governar o mundo romano. Agripa também foi um grande inimigo da Faraó Cleópatra VII e aliado de Otávio Augusto na guerra contra a rainha. Os senadores romanos morriam de medo da inteligência e do poder feminino dessa rainha no oriente.

Esse arquétipo, que a associa ao sucesso tanto no campo político quanto no amoroso, reflete a dualidade com que a sociedade interpreta as mulheres que ocupam lugares de poder. De um lado, Cleópatra VII é celebrada como exemplo de força, dominação e perspicácia; de outro, é vista como ameaça, perigo e manipulação, justamente por não se enquadrar nos moldes tradicionais do feminino que se esperava em sua época e, em muitos aspectos, ainda se espera. Essa contradição demonstra que o poder exercido por mulheres era preocupante e no Egito a mulher era independente do homem e poderia negociar e gerir na administração de bens.

Portanto, a imagem de Cleópatra VII transcende sua própria existência histórica e transforma-se em arquétipo atemporal. Ela é, ao mesmo tempo, inspiração e advertência, símbolo de conquista e de perigo, exemplo de liderança feminina e de enfrentamento às estruturas patriarcais. Sua figura revela que o poder feminino, quando exercido com autonomia e estratégia, pode ser interpretado como virtude ou como ameaça, dependendo da perspectiva adotada. Nesse sentido, Cleópatra permanece como um ícone que instiga a referência feminina na administração da economia do seu povo.

Assim, o arquétipo da rainha do Nilo não se limita ao passado, mas continua a influenciar o imaginário contemporâneo sobre gênero, poder e identidade. Sua imagem lembra que a mulher que ousa ocupar espaços de liderança e decisão carrega, muitas vezes, tanto o fardo da desconfiança quanto o brilho da inspiração. Cleópatra VII, portanto, segue viva não apenas como personagem histórica, mas como símbolo do eterno embate entre poder, sedução, estratégia e resistência.

Otávia desempenhou um papel essencial na recepção e criação dos filhos de Cleópatra, preservando-os da morte imediata e garantindo-lhes uma educação romana. Contudo, apenas Cleópatra Selene sobreviveu até a vida adulta, consolidando uma nova linhagem fora do Egito. A atitude de Otávia, reverenciada por historiadores antigos, reforça a imagem de uma mulher virtuosa, ao mesmo tempo em que evidencia a política pragmática de Augusto em absorver, neutralizar ou eliminar os possíveis herdeiros da tradição ptolemaica.

A trajetória de Otávia, irmã de Augusto e ex-esposa de Marco Antônio, revela-se central na transição entre o mundo helenístico e o domínio romano. Ao assumir a criação dos filhos de Cleópatra VII, Otávia não apenas consolidou sua imagem de mulher virtuosa e digna, como também serviu como instrumento de pacificação política no seio da nova ordem imperial. Sua postura, exaltada por autores como Plutarco, simboliza a capacidade de Roma de absorver inimigos vencidos e transformá-los em parte de sua estrutura social.

Cleópatra VII, por sua vez, deixou um legado ambíguo. Sua derrota representou o fim da dinastia lágida no Egito, mas sua descendência sobreviveu por meio de Cleópatra Selene II, que, ao lado de Juba II na Mauritânia, fundiu tradições culturais egípcias, gregas e romanas em um novo espaço político. Diferentemente de Alexandre Hélio e Ptolemeu Filadelfo, que desapareceram precocemente das fontes, e de Cesarião, executado por ordem de Augusto, Selene perpetuou o sangue de Cleópatra e Marco Antônio, mostrando como mesmo derrotada, a rainha ainda encontrou formas de eternizar sua linhagem.

Roma, ao absorver a descendência de Marco Antônio, mostrou sua habilidade em transformar potenciais rivais em peças da engrenagem imperial. O casamento de Selene com Juba II foi, nesse sentido, uma estratégia que uniu o prestígio helenístico e a disciplina romana em benefício do império. Assim, Otávia, Cleópatra VII e seus descendentes foram elementos fundamentais na construção da narrativa de poder augustana: de um lado, a clemência e o pragmatismo romanos; de outro, a memória viva de uma rainha que, ainda na derrota, deixou marcas indeléveis na história política e cultural do Mediterrâneo.

As figuras femininas da Roma republicana e do Egito ptolemaico se tornaram não apenas personagens históricos, mas arquétipos que alimentaram a construção de narrativas políticas e culturais ao longo dos séculos. Cleópatra VII, rainha do Egito, Otávia, irmã de Augusto, Calpúrnia, esposa de Júlio César, e Servília, mãe de Bruto, foram mulheres que, cada uma à sua maneira, representaram estratégias de poder, alianças e resistência em um mundo dominado por homens. Suas trajetórias se entrelaçam no *storytelling* romano como exemplos de sedução, virtude, maternidade e influência política, revelando que o feminino foi parte essencial da disputa pelo poder.

11. Referências

BEARD, Mary. Mulheres & Poder: um manifesto. São Paulo: Planeta do Brasil, 2017.

CASSIUS DIO. Roman History. Book LI.

COULANGES, Fustel de. A Cidade Antiga. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

CRIPPA, Adolpho. O Humanismo e a Cultura. São Paulo: Convívio, 1993.

GRIMAL, Pierre. Cleópatra. Lisboa: Publicações Europa-América, 1993.

HUGHES-HALLETT, L. Cleopatra: Histories, Dreams and Distortions. HarperCollins, 1990.

PLUTARCO. Vidas Paralelas. São Paulo: Edipro, 2011.

ROLLINS, M. Cleopatra Selene: Last Queen of Egypt. Bloomsbury, 2010.

SUETÔNIO. A Vida dos Doze Césares: Augusto.